

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA

ANDRESSA BRITTES ARANDA

**“Nossa Sala Tem Educação, Nossa Música Vem do Coração”: as aprendizagens construídas em uma turma de 4º ano a partir do HIP-HOP**

Porto Alegre

2. Semestre

2015

ANDRESSA BRITTES ARANDA

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

***Orientadora: Profa. Dra. Darli Collares***

Porto Alegre

2. Semestre

2015

ANDRESSA BRITTES ARANDA

**“Nossa Sala Tem Educação, Nossa Música Vem do Coração”:** as aprendizagens construídas em uma turma de 4º ano a partir do **HIP-HOP**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_.

---

Profª. Dra. Darli Collares – Orientadora

---

Profª. Ms. Nina Rosa Ventimiglia Xavier - AOERGS

---

Prof. Dr. Paulo Peixoto de Albuquerque - UFRGS

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por guiar meus passos em todos os momentos da minha vida.

Aos meus pais, que amo muito e que sempre me deram apoio e força em momentos nos quais mais precisei.

Agradeço ao meu esposo por estar sempre me apoiando e incentivando nesta caminhada, sua presença foi inestimável para esta conquista.

Agradeço às minhas amigas e colegas com as quais, muitas vezes, dividimos angústias e incertezas sobre a escrita deste trabalho. Deise, Priscila e Karina, nossos almoços ajudaram muito.

Agradeço a minha amiga e colega Priscila, por estar comigo nos momentos mais desafiadores dessa etapa sempre me incentivando e encorajando.

Agradeço à minha orientadora professora Darli Collares, pelo apoio e dedicação durante o semestre, por acreditar em mim e ouvir as minhas considerações, partilhando comigo as suas ideias, conhecimentos e experiências, sempre me motivando. Quero expressar o meu reconhecimento e admiração por sua competência profissional e minha gratidão por sua amizade e pela forma humana com a qual conduziu a minha orientação.

Agradeço à professora Nina, primeiramente, pelas indicações de leituras para meu tema, por ouvir meus desabafos no início da escrita deste trabalho para o qual me sentia muito insegura; segundo, por aceitar fazer parte da banca avaliadora.

Ao professor Paulo por, prontamente, aceitar fazer parte da banca, e pela disposição em responder quando lhe foi solicitado alguma informação.

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso aborda a aprendizagem como tema central. Tem como objetivo compreender a construção do conhecimento, quando o planejamento docente busca contemplar o interesse dos alunos. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa que utiliza, como fonte de dados, o Diário de Classe do Estágio Curricular do Curso de Licenciatura em Pedagogia da autora, para relembrar as atividades planejadas, analisando-as e inferindo quais aprendizagens foram construídas a partir de seu desenvolvimento. A construção do aporte teórico deste estudo é baseada na teoria construtivista. Faço uso de autores como Delval, Becker e Collares. A análise dos dados selecionados foi dividida em quatro categorias: “Aprendendo com o Planejamento”; “Construindo relações na sala de aula”; “Atendendo a Programação da Escola: dando sentido aos conteúdos”; “Dissolvendo a Imagem Problema da turma”. Ao final, constata-se que o planejamento docente, voltado ao interesse e à realidade dos alunos contribui para a construção de conhecimentos dos sujeitos envolvidos neste processo.

Palavras-chave: planejamento docente, aprendizagens, construtivismo

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1 – Primeira produção textual da aluna.....</b>	<b>30</b>
<b>Figura 2 – Terceira produção textual da aluna.....</b>	<b>30</b>

## SUMÁRIO

	<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	07
<b>1</b>	<b>ALGUNS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS</b> .....	09
1.1	APRENDIZAGENS CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO.....	09
1.2	PLANEJAMENTO: ALGUNS CONCEITOS OU PRINCÍPIOS.....	12
<b>2</b>	<b>METODOLOGIA DE PESQUISA</b> .....	16
2.1	CONTEXTUALIZANDO O ESTÁGIO E A ESCOLA.....	17
2.2	CONTEXTUALIZANDO A TURMA .....	18
2.3	O PLANEJAR DURANTE O ESTÁGIO .....	19
<b>3</b>	<b>ANÁLISES</b> .....	24
3.1	APRENDENDO COM O PLANEJAMENTO .....	24
3.2	CONSTRUINDO RELAÇÕES NA SALA DE AULA .....	27
3.3	ATENDENDO A PROGRAMAÇÃO DA ESCOLA: DANDO SENTIDO AOS CONTEÚDOS .....	28
3.4	DISSOLVENDO A IMAGEM “PROBLEMA” DA TURMA .....	31
	<b>CONCLUSÕES</b> .....	34
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	37

## APRESENTAÇÃO

O objeto de pesquisa aqui apresentado é também o objeto almejado no trabalho docente: a aprendizagem. Falar desta dimensão educativa requer um estudo sobre suas concepções, pois as ações docentes que se desencadeiam das diferentes formas de se compreender a aprendizagem, em sua intencionalidade, são a chave para a construção do conhecimento discente.

A necessidade de problematizar as questões relativas à aprendizagem, surgiu a partir da realização de meu estágio obrigatório curricular com uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental, em uma escola estadual, localizada no município de Porto Alegre, no primeiro semestre de 2015. Tendo essa, sido minha primeira aproximação de maior período com o cotidiano escolar e suas complexas relações, deparei-me com o desafio da promoção da aprendizagem da turma que me foi destinada.

Ao ingressar em meu estágio percebi que a turma tinha como característica o desinteresse e a pouca participação nas propostas da professora titular. Algumas questões que já me inquietavam em minha trajetória acadêmica e escolar, tornaram-se presentes nesse período.

Lembro que, enquanto aluna do ensino fundamental, reclamava do tédio de ter que frequentar as aulas, pois não gostava de ficar copiando. Queixava-me muito para meus pais. Preferia ficar em casa, onde adorava escrever histórias para as minhas bonecas. Durante a minha formação docente, tentei buscar respostas a este questionamento. Faço uso das palavras de Snyders (1993, p.120) para expressar o significado dessas lembranças “São inúmeros os alunos ávidos por deixar este recinto para ir ao encontro do mundo cotidiano, pois este lhe parece o mundo autêntico”.

Ao longo do curso de Pedagogia, no qual refletimos e problematizamos as questões educativas, percebi que meu desinteresse pela escola e minha desmotivação provinham da falta de sentido dos conteúdos trabalhados em minha escolarização, uma vez que não via utilidade para eles.

Durante o período de observação<sup>1</sup>, preocupava-me com a falta de motivação dos alunos. Eles demonstravam não ter interesse nos assuntos que estavam sendo abordados ou explicados em sala de aula. Alguns nem faziam as atividades propostas pela professora titular. Questionava-me como poderia, durante a prática, despertar a participação dos alunos. Então, com o caminho que havia trilhado em todo percurso na graduação, sabia que precisava, primeiramente, que minhas propostas contemplassem algo que fosse ao encontro do interesse dos educandos.

Essa reflexão parte de uma discussão muito abordada na formação de professores, a construção do planejamento, o qual, em meu entendimento, é o instrumento que permeia a mediação docente na aprendizagem. Em função disso, procurei contemplar nos planejamentos o interesse dos alunos, para que estes pudessem dar sentido às suas aprendizagens.

A oitava etapa do curso, a qual contempla a construção do trabalho teórico reflexivo aqui intitulado **“Nossa sala tem educação. Nossa música vem do coração: as aprendizagens construídas por uma turma de 4º ano a partir do Hip Hop”**<sup>2</sup>, foi o momento no qual pude me dedicar a compreender a construção do conhecimento a partir da prática realizada no semestre anterior. Desse modo, minha questão de pesquisa é **“Quais ou que aprendizagens são construídas, quando o planejamento docente busca contemplar os interesses dos alunos?”**.

Assim, esta pesquisa de cunho qualitativo, do tipo análise documental, está organizada de forma a contemplar, no primeiro capítulo, intitulado “Alguns pressupostos teóricos” os estudos sobre aprendizagem e planejamento que nortearam este estudo. No segundo capítulo, trago os caminhos metodológicos selecionados para a realização desta pesquisa e a contextualização do estágio. Após, no terceiro capítulo, faço uma reflexão analítica sobre os dados empíricos selecionados para interpretação, categorizando-as a partir da questão de pesquisa anteriormente apresentada. Para finalizar, teço algumas considerações sobre a temática aqui apresentada à guisa de conclusão.

---

<sup>1</sup> Observação é o período que antecede a prática do estágio obrigatório.

<sup>2</sup> O título do trabalho foi inspirado em um pedaço de uma música construída pelos alunos durante o estágio.

## 1 ALGUNS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Para realizar esta pesquisa precisei aprofundar meu estudo teórico, primeiramente, com relação à aprendizagem, meu objeto de pesquisa. No entanto, como busco compreender a aprendizagem vinculada à construção do planejamento didático pedagógico, trago o resultado do estudo realizado sobre planejamento e alguns conceitos relacionados ao ato de planejar, vinculando, ambos, aprendizagem e planejamento, à perspectiva construtivista.

### 1.1 APRENDIZAGENS: CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

Confesso que sempre foi difícil para mim a compreensão do construtivismo. Ao realizar o aprofundamento teórico, compreendi que não é um método, e sim “[...] um modo de ser do conhecimento ou um movimento do pensamento que emerge do avanço das ciências e da filosofia dos últimos séculos” (BECKER, 2001, p.72). É uma teoria que permite entender o processo de desenvolvimento e de como o sujeito aprende.

A partir dos estudos sobre a teoria construtivista podemos considerar aprendizagem como “[...] uma mudança na disposição ou na conduta de um organismo, relativamente permanente e que não se deve a um processo de simples crescimento” (DELVAL, 1994, p.54). Sendo assim, aprender é adquirir um novo conhecimento. Esse conhecimento não é algo dado pelo meio social e nem nasce com o indivíduo, como as teses empiristas ou aprioristas defendem. Conforme (BECKER, 2008, p.36)

[...] O conhecimento não está no sujeito quando o indivíduo nasce, o conhecimento não está no objeto, ou seja, no meio físico ou social, não está na cabeça do professor com relação ao aluno, nem na cabeça do aluno com relação ao professor; o conhecimento se dá por um processo de interação radical entre sujeito e objeto, entre indivíduo e sociedade, entre organismo e meio.

O sujeito constrói o seu conhecimento na interação com o meio físico /social. “[...] O construtivismo não nega que aprendemos dos outros e com os outros” (DELVAL, 2010, p.11). Dessa forma, estamos sempre aprendendo, quando

trocamos ideias, debatemos, uma vez que “[...]O saber se constrói na interação, na troca de experiências, no ouvir reflexivo e inquiridor, no debate de ideias, enfim, no diálogo, na participação” (SANTOS, 2004, p. 48).

Partindo do conceito de que o aluno constrói seu conhecimento, nos perguntamos como se dá esse processo? A síntese de (DELVAL, 1994, p.54) nos explica:

Ao longo dos seus primeiros anos e até chegar a adolescência, a criança vai construindo as suas estruturas intelectuais e uma representação do mundo exterior. Isso se constitui num processo muito organizado no qual o sujeito possui um papel ativo e dentro dele a aprendizagem de cada noção concreta pressupõe a existência de estruturas intelectuais que a tornem possível.

“Como toda ação integra algo a estruturas já existentes, pode-se afirmar que a aprendizagem está vinculada ao desenvolvimento do sujeito, sendo que o mesmo explica a aprendizagem” (COLLARES, 2003, p.38). A teoria construtivista de Piaget compreende que a maturação do sujeito é necessária para que ele possa construir conhecimento, porém só através desta não é possível que o sujeito atinja essa construção, pois, se assim fosse, toda criança, ao alcançar certa idade, teria desenvolvido os mesmos conhecimentos (COLLARES, 2003).

Nessa perspectiva “Aprender pressupõe equilíbrio e não ocorre necessariamente de forma imediata” (COLLARES, 2003, p.37). Segundo Delval (2010, p.120) o “conhecimento é sempre uma construção que o sujeito realiza, partindo dos elementos de que dispõe”, não bastando ao professor, simplesmente, explicar um conteúdo:

[...] as instituições escolares parecem estar organizadas a partir da convicção de que o conhecimento é transmitido, ao invés de construído. Por isso, dão especial importância a atividades de memorização e repetição, deixando pouco lugar para a atividade exploradora e criativa dos alunos. (DELVAL, 2010, p.115).

O aprender na escola precisa ser de uma forma significativa para o aluno. Sendo assim, não podemos ignorar os interesses, as experiências e os conhecimentos prévios destes. Quando o professor propuser atividades que façam sentido ao aluno, de modo com que este consiga construir um significado para aquele conteúdo, abrirá possibilidades para a construção do conhecimento. Porém,

para que o aluno construa este conhecimento, precisa querer. E para o aluno querer, precisa estar interessado.

Nesse sentido, (DELVAL, 2006, p.79) coloca que:

A própria região, o ambiente mais imediato em que vive o aluno, representa uma enorme fonte de inquietações intelectuais e um ponto de partida substancial para o aprendizado. Depende, contudo, em larga medida da forma como é abordada.

O aluno é quem constrói seu conhecimento, e conforme Rey (2014) os professores devem estar conscientes de que sem a conquista do interesse do aluno, a aprendizagem nunca poderá transcender seu caráter passivo-reprodutivo. Esse caráter é visto quando o aluno reproduz o conhecimento sem entendê-lo, decorando um conteúdo para usá-lo em determinado momento.

Sendo assim, somente a transmissão de informação pelo professor não é algo considerado para promover aprendizagem. Segundo Collares (2003), o papel do professor, na teoria construtivista de Piaget, é indispensável na classe. “[...]O professor, nessa dinâmica, realiza uma observação atenta para intervir, auxiliar, coordenar, propor, analisar, orientar e desafiar o grupo na construção do conhecimento” (COLLARES, 2003, p.55).

Segundo Parrat e Tryphon (1998), para Piaget, na medida em que a formação do pensamento seja colocada acima das condutas meramente receptivas, a vida do grupo é a condição indispensável para que a atividade individual se discipline e escape da anarquia. O grupo é, ao mesmo tempo, o estimulador e o órgão de controle. Sendo assim, para a construção do conhecimento, a participação do aluno, em um ambiente em que um ajuda o outro, na sua construção através de trocas e novas experiências, torna-se indispensável.

O aluno irá iniciar um processo de construção de conhecimentos só no momento em que ele se sentir motivado a isso, “[...] a curiosidade da criança é imensa e constitui uma fonte de motivação para aprender [...]” (DELVAL, 2010, p.13). Porém, não podemos esquecer que o “[...] aprendizado só é possível com a existência das pré-estruturas necessárias à sua produção” (DELVAL, 1998, p.9).

## 1.2 PLANEJAMENTO: ALGUNS CONCEITOS OU PRÍNCÍPIOS

Neste subcapítulo procuro abordar alguns conceitos para refletir sobre planejamento. Conceitos com os quais me identifico, pois esses variam de acordo com cada sujeito e sua visão de mundo.

Sabemos que para realizarmos muitas atividades, as quais queremos ter sucesso, precisamos planejar antecipadamente as ações que irão ser tomadas para que estas aconteçam da forma que desejamos. Ao planejar tais ações, estamos colocando em prática as ideias e as reflexões delas oriundas, para atingir o objetivo almejado.

Partindo dessa concepção, advinda do pressuposto que todo professor almeja o êxito do processo de ensino aprendizagem, o planejamento se faz necessário para o professor, pois o mesmo tem objetivos a serem alcançados com a sua turma. “O planejamento, nesse sentido, é um trabalho no presente que nos prepara para o futuro que queremos ver acontecer [...]” (Macedo, 2005, p.87).

Sendo assim, planejar é o ato de se pensar na aula a ser ministrada, iniciando por seus objetivos e projetando ações para alcançar a estes. Deste ato, surge um plano que é a escrita organizada, onde constam as ações a serem tomadas. A qual se denomina plano de aula. Xavier (2011, p.36), ao delimitar seu objeto de pesquisa, enfoca planejamento como algo “[...] voltado para o significado que o professor atribui a ação de planejar e ao planejamento no cotidiano escolar”. Considero que este enfoque ilustra meu interesse para o presente estudo, uma vez que tenho a intenção de refletir sobre como desenvolver um planejamento, no qual se leve em conta o objetivo docente de construir conhecimentos com seus alunos.

Surge, então, uma questão, como fazer um planejamento para atingir este objetivo docente? Primeiramente, precisamos entender que não existe uma receita para ensinar, “[...] o professor precisará ser um criador constante, sempre atento ao desenvolvimento dos seus alunos e proporcionando-lhes as oportunidades para a aprendizagem” (DELVAL,1994, p.151).

A partir dessa afirmação, a qual nos leva a questionamentos como “quem são nossos alunos?”, valho-me das palavras de Hickmann (2002, p.11) na busca de possíveis respostas, “ver numa criança uma pessoa é perceber seus vínculos de

pertencimento a uma raça, etnia, gênero, religião, classe social, enfim, a uma multiplicidade de marcas que a constituem”.

Ao planejar, o professor irá levar em conta seus objetivos e, através das observações realizadas, desenvolver as estratégias pedagógicas, que considerará necessárias para determinada turma, de acordo com o que ele já sabe da mesma.

Nessa perspectiva, “planejar é reflexão e ação do sujeito em lugares e tempos nos quais está inserido, mesmo que seja um planejar transitório ele tem a historicidade da sua individualidade” (Xavier, 2011, p.41).

Dessa forma, o docente irá planejar para cada turma de diferentes formas, não reduzindo seu planejamento à homogeneização dos sujeitos como alunos que aprendem todos da mesma forma e que, para isso, basta transmitir conhecimentos. Assim, sirvo-me das palavras de DAYRELL (1996, p.138):

Essa perspectiva implica em superar a visão homogeneizante e estereotipada da noção de aluno, dando-lhe outro significado. Trata-se de compreendê-lo na sua diferença, enquanto indivíduo que possui uma historicidade, com visões de mundo, escalas de valores, sentimentos, emoções, desejos, projetos, com lógicas de comportamento e hábitos que lhe são próprios.

Sabemos que o interesse do aluno é um motor eficaz para desenvolver aprendizagem, “transforma a sala de aula em “colmeia laboriosa”, onde todos se mantêm ocupados e aproveitam o melhor possível os recursos que são colocados à sua disposição” (MEIRIEU, 2005, p.81). Porém, ao colocarmos essa tarefa nos planos de aula, percebemos que não é nada fácil. Uma turma é muito heterogênea e seus interesses variam muito.

Contemplar o interesse dos alunos no planejamento é uma das alternativas para buscar o êxito dos objetivos docentes. Quando falo em contemplar, não estou referindo-me a planejar de acordo com qualquer interesse, e sim ter um olhar observador, a partir do qual definiremos o interesse que poderemos atender, para assim atrair a vontade dos alunos em participar das aulas.

Collares (2003) nos esclarece que planejar atendendo aos interesses e às necessidades dos alunos não significa, ao docente, perguntar e fazer o que eles querem, e sim necessidade do docente ter um olhar atento às ações de todos (incluindo suas próprias ações), e a forma como os mesmos a desenvolvem para, a

partir dessas, apresentar propostas que os levem a pensar sobre aquilo que os mobiliza.

O professor necessita, segundo (MEIRIEU, 2005, p.88):

[...] propor projetos que julgue capazes de mobilizar seus alunos e que comportem, em sua própria execução, a possibilidade de esbarrar em obstáculos que correspondam justamente aos objetivos programáticos desejados.

Ao mesmo tempo em que o docente precisa pensar em propostas que mobilize aos alunos, para que estes se sintam curiosos e estimulados a aprender sobre aquele assunto, os conteúdos escolares têm que estar vinculados e abordados de uma forma que faça sentido aos alunos.

Uma maneira de enfrentar o problema da possível falta de sentido, como recurso pedagógico seria, segundo Macedo (2005, p.89) “[...] planejar situações-problema e discuti-la em sala de aula com os alunos”. Essa forma de abordar o planejamento é muito usada em projetos. Consiste em o docente propor que os alunos, a partir de uma situação, pensem e desenvolvam estratégias para resolver os obstáculos de determinada questão. Assim, os alunos, ao buscarem soluções para algo que faz parte do dia a dia, vejam significado no que estão aprendendo para a resolução do problema.

Para Collares (2003) um método de trabalho docente que rompe com a submissão aos conteúdos escolares é a adaptação do método clínico à sala de aula

O desafio que este método impõe, em princípio, ao fazer pedagógico é de se aprender a observar e a ouvir a criança para construir, a partir do que se vê e ouve, hipóteses de trabalho que deem consistência ao planejamento e atendam às necessidades e aos interesses dos alunos. (COLLARES, 2003, p.84)

Nesses dois autores citados acima, percebemos que o planejamento docente envolve os alunos e o professor na construção de conhecimentos. Para Macedo, o docente poderá, através de acontecimentos na sala de aula, desenvolver seu planejamento e para Collares o olhar observador do professor é essencial para planejar.

O planejamento do professor que aborde todas as condições citadas acima, deve ter presente que a sala de aula é sempre repleta de acontecimentos

inesperados. Isso exige que nosso planejamento atenda a esses fatos. Nesse caso, cabe, ao professor, retomar a iniciativa, apoiar-se no incidente revelador e tomar a decisão que permite a sua atividade de retomar todo seu sentido. (MEIRIEU 2005).

Quando planejamos, temos os objetivos a serem alcançados, e estes definidos, precisamos acompanhar como está sendo para nossos alunos, avaliando-os a cada momento. “Avaliar é acompanhar cada um em seu esforço de se superar, é possibilitar que tantos os alunos “adiantados”, quanto os que têm mais dificuldades assumam desafios sucessivos e avancem” (MEIRIEU, 2005, p.194). Isso quer dizer que não devemos avaliar todos os alunos do mesmo modo, pois em uma sala de aula existe muita diversidade na aprendizagem.

## 2 METODOLOGIA DE PESQUISA

Este trabalho de conclusão é uma pesquisa de abordagem qualitativa do tipo Estudo de Caso em Educação, com utilização de técnicas da Etnografia, como a análise documental, para a qual foram (re)lidos os relatos contidos no meu Diário de Classe, construído anteriormente a esta construção teórico reflexiva, mais precisamente, no período do Estágio Curricular.

Tendo como objetivo analisar a prática pedagógica desenvolvida no referido período do Curso de Graduação em Pedagogia, no primeiro semestre de 2015, em uma escola estadual, com alunos de um 4º ano do ensino fundamental, classifico esta pesquisa como qualitativa devido ao contato direto com os sujeitos, durante a prática realizada, e por se tratar de um estudo que prioriza a forma com que se deu a participação dos mesmos, durante o período no qual fui docente.

Conforme Marli e Andre (1986, p.13)

A pesquisa qualitativa ou naturalística, segundo Bogdan e Biklen (1982), envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes.

Esta investigação caracteriza-se como Estudo de Caso por se tratar da análise das aprendizagens construídas pela turma e docente em questão, em um período específico (1 sem. de 2015), inseridas no contexto sócio cultural característico da localidade na qual se insere. Essa situação específica ocorrida em um contexto próprio e singular pode apresentar semelhanças com outros casos, mas mantém a sua distinção. Por ser única, presume a classificação deste estudo como Estudo de um Caso.

O estudo de caso aparece há muitos anos nos livros de metodologia de pesquisa educacional, mas dentro de uma concepção bastante estrita, ou seja o estudo descritivo de uma unidade, seja uma escola, um professor um aluno ou uma sala de aula (ANDRÉ, 2012, p.30).

Como descrito acima esta pesquisa, conforme Ludke e André (1986) é de cunho etnográfico por apresentar o uso de algumas técnicas ligadas à Etnografia. Nesse caso, faço o uso da análise de documentos de dados primários e da experiência direta com a situação em estudo.

De acordo com Ludke e André (1986, p.14)

O relatório etnográfico apresenta uma grande quantidade de dados primários. Além de descrições acuradas da situação estudada, o estudo etnográfico apresenta muito material produzido pelos informantes, ou seja, histórias, canções, frases tiradas de entrevistas ou documentos, desenhos e outros que possam vir a ilustrar a perspectiva dos participantes, isto é, a sua maneira de ver o mundo e as suas próprias ações.

Desse modo, utilizei como material empírico a descrição do período no qual realizei o estágio, contextualizando a construção do planejamento docente e materiais produzidos pelos alunos, como, por exemplo, a música elaborada pela turma para a apresentação do dia das mães, construída a partir do planejamento que contemplou a prática cultural pela qual os alunos demonstravam interesse.

Então, a partir da análise do diário de classe, problematizo as minhas reflexões, atividades propostas aos alunos, fotos e anotações do período em que realizei o estágio para, com um novo olhar, resignificar as práticas pedagógicas desenvolvidas por mim enquanto docente. Para Godoy (1995, p.21):

Nesse sentido, acreditamos que a pesquisa documental representa uma forma que pode se revestir de um caráter inovador, trazendo contribuições importantes no estudo de alguns temas. Além disso, os documentos normalmente são considerados importantes fontes de dados para outros tipos de estudos qualitativos, merecendo, portanto, atenção especial.

## 2.1 CONTEXTUALIZANDO O ESTÁGIO E A ESCOLA

O período de estágio obrigatório do curso é composto por duas semanas de observação e onze semanas de prática docente. Como dito anteriormente, realizei o estágio obrigatório em uma Escola Estadual, localizada na zona Leste de Porto Alegre, em um bairro nobre, porém atende alunos residentes de bairros periféricos próximos à escola.

A instituição tem uma situação bem precária com relação à disponibilização de materiais para os professores. Quando (re)leio essas anotações percebo que as mesmas não dão conta de explicar todo contexto desta escola, pois o período em que estive nessa instituição é muito curto para dar conta de conhecer todos os processos desenvolvidos. No entanto, as utilizo, por acreditar, em sua relevância

para que o leitor entenda o período no qual fiz meu estágio curricular que aqui é analisado.

Não havia, nessa época, um Plano Político Pedagógico e sim um regimento, no qual se explicava que os planos de aula devem ser construídos pelos professore(a)s em conjunto de classes paralelas. Observei que, apesar de não terem um período destinado à realização desse plano, os docentes trocam muitas informações no seu dia a dia, durante os horários de intervalos. A coordenação pedagógica da escola entrega uma lista de conteúdos para serem desenvolvidos a cada trimestre. Estes são entregues para cada professor, de acordo com a sua série, e a mim foi entregue uma cópia, para que os conteúdos que ali estavam contidos fossem trabalhados com a turma.

Esta situação inicial foi uma das minhas angústias para o planejamento docente: como deveria trabalhar todos aqueles conteúdos escolares?

## 2.2 CONTEXTUALIZANDO A TURMA

A turma é nomeada de quatro A, sendo o 4º ano do turno da manhã, composta por vinte e cinco alunos, sendo onze meninas e quatorze meninos, com faixa etária entre nove e doze anos.

Para a construção deste trabalho, considero importante evocar minhas memórias e contar um pouco sobre as relações desta turma em sala de aula. Na primeira semana de observação, prevalecia, em minhas anotações, que a turma gostava muito de conversar sobre assuntos que não estavam relacionados ao conteúdo que estava sendo trabalhado. Os alunos gostavam de andar pela sala e alguns, não faziam as tarefas que a professora solicitava.

Percebi, nas atitudes dos alunos, a formação de grupos, excluindo os que não se encaixavam no perfil considerado apto a participar do grupo. Isso gerava alguns conflitos nas relações da turma. Esses aconteciam, em momentos variados, um dos que mais se tornava intenso, era nos períodos da educação física, nos quais um dos grupos não deixava os integrantes de outro grupo jogar bola. Nos grupos femininos, algumas alunas queriam jogar vôlei, com a única bola que havia na escola e outras queriam fazer brincadeiras com esta. Essas situações observadas tornaram-se um

dos objetivos, em meus planejamentos, visando a melhorar as relações para que esses conflitos fossem superados.

No período de observação do estágio, tive a possibilidade de fazer uma entrevista com os alunos, a qual me possibilitou conhecer um pouco mais cada um. Na entrevista, perguntava sobre dados pessoais e o que mais gostavam na escola. Através deste instrumento percebi que 80% da turma provinham de um bairro periférico, considerado socialmente vulnerável, aparecendo, seguidamente, nas notícias jornalísticas, por conter alto índice de violência.

Nesse mesmo período, também presenciei um momento de interação, no qual todos os alunos participavam. Essa interação ocorreu no final da aula. O fato me causou, primeiramente, surpresa por ser um momento no qual a turma estava toda reunida, demonstrando interesse no que estava acontecendo. Os alunos estavam organizados em roda, para assistir a alguns colegas que cantavam músicas do gênero Rap<sup>3</sup>. Porém, pude observar, ao me aproximar, que havia algumas ofensas às características do colega que estava na roda. A música pareceu-me ser uma competição entre os alunos que cantavam as rimas.

Através dessa situação, fui fazer pesquisas sobre as informações anotadas no período de observação, e pesquisei sobre o bairro de onde vinha a maior parte dos alunos e sobre o gênero musical a qual eles demonstraram interesse.

### 2.3 O PLANEJAR DURANTE O ESTÁGIO

Planejar, inicialmente, foi tomado de angústias e preocupações. As angústias por estar iniciando um processo novo para mim e que remetia a meus tempos de escola. As preocupações pelos conflitos observados em sala de aula. Enfim, ambas, por motivos que estavam presentes no meu pensamento. Havia também a lista de conteúdos que me parecia ser um bicho de sete cabeças.

Lembro-me de um fato ocorrido na semana de observação, uma conversa na sala de aula dos professores: durante o recreio, uma professora da escola, disse-me que aquela turma para a qual fui designada era muito agitada e que todos os “problemas” estavam lá. Naquele momento, me senti incomodada com o comentário,

---

<sup>3</sup> Rap: é um dos pilares da cultura Hip Hop, é a música onde o grupo faz suas rimas como forma de protesto.

pois havia outras pessoas na sala e estas me pareceram concordar com a fala da colega.

Apesar da angústia e das preocupações, tinha alguns objetivos docentes já definidos, antes mesmo de iniciar as observações, os quais não concordavam com as aulas expositivas, onde somente o professor fala. Somando isso às observações da turma, já relatadas, procurei pensar em estratégias que contemplassem o interesse dos alunos, de modo a incentivá-los a envolverem-se no processo de ensino-aprendizagem.

Conforme relatado anteriormente, os alunos reuniam-se em uma roda para ver e ouvir os colegas, em torno de 8 meninos, que cantavam Rap. Esta foi a ferramenta inicial para colocar em prática os objetivos que tinha para a turma. Fiz muitas pesquisas sobre o movimento social Hip Hop. Com essas pesquisas, consegui pensar em formas diferentes de abordar, em sala de aula, os conteúdos, vinculando-os ao contexto social e escolar, no qual realizei o estágio.

Através das leituras que havia feito sobre o movimento social, descobri que, apesar de haver linhas agressivas<sup>4</sup>, se tratava de uma forma de expressão, de questionamento das desigualdades sociais, uma forma de se fazer ouvir através da música. No entanto, o uso que os alunos faziam deste gênero musical, não condizia com este objetivo do movimento Hip Hop, visto que as crianças faziam uso da música, apenas, para ofenderem-se.

Então, tive como objetivo promover a compreensão de todas as dimensões dessa prática cultural, inserida no contexto social dessas crianças, mas de uma forma que fizesse sentido a eles. Conclui que só conseguiria atingir meus objetivos se eles tivessem contato com alguém que fazia parte do movimento. Para isso, convidei um integrante do movimento para que ele pudesse explicar ou contar o que era essa prática.

A atividade planejada, inicialmente, foi em forma de palestra, no entanto, aconteceu como uma entrevista. Ao expor aos alunos a proposta, todos demonstraram ter muitas perguntas a fazer sobre o assunto. Com isso, houve

---

<sup>4</sup> Durante as pesquisas sobre o movimento social, uma das informações que aparece em vários sites, é que o mesmo surgiu em Nova York, na década de 70. O Rap era usado para confrontar gangues rivais na periferia.

combinações para se receber o visitante e para que todos conseguissem expor os questionamentos.

Após a visita do convidado, propus que fizéssemos a escrita de um relato sobre o encontro, com objetivo de contar o que havia ocorrido e aprendido, aos colegas que haviam faltado naquele dia. Para esta produção, antes os alunos precisaram ver diferentes gêneros textuais de forma a descobrir qual era o mais adequado para a situação em foco. Esta primeira proposta escrita, inicialmente, foi vista pelos alunos como atividade chata, pois relataram que não gostavam de ter que escrever textos. Porém propus que se fizesse coletivamente. A partir desta produção coletiva, passaram a perceber a escrita como tendo uma função e não como uma atividade chata.

Ainda explorando o interesse deles pelo gênero musical Rap, levei a música<sup>5</sup> de um professor que também é rapper, com objetivo de explorar as rimas e o conteúdo escolar referente à sílaba tônica.

Durante essa atividade, primeiramente, explorei o autor da música, contando aos alunos algumas informações a seu respeito. Após, fizemos a escuta dela a fim de anotar as palavras que rimavam, e em seguida, a exploração das palavras anotadas como, no exemplo a seguir, no qual destaco um trecho da letra e coloco em *itálico* as palavras anotadas pela turma:

*É hora de brincar, é hora de cantar,  
É hora de rimar. Deixa a batida tocar.*

Brincar é bom e a gente fica *contente*  
Brincar com a palavra fica mais *inteligente*.  
Hei, mano! Hei, mina!  
(MESTRE PÊ, 2014)

Na sequência procuramos entender qual parte da palavra rimava e concluímos que esta era a sílaba mais forte, a qual chamamos de sílaba tônica.

Também fazia parte dos meus objetivos para o planejamento, melhorar as relações da turma. Na época me pareceu ser uma tarefa impossível. Porém insisti. Uma das práticas planejada e que demorou até se ajustar e começar a dar resultados foi nos períodos de educação física. Nesses momentos, conforme citado

---

<sup>5</sup> Música “brincar é bom”, do mestre PÊ. Professor e rapper ou mestre de cerimônias como são conhecidos os cantores do gênero musical Rap.

na descrição da turma, havia conflitos, e fui intervindo com—propostas de brincadeiras nas quais todos participassem.

No planejamento constava propor diferentes brincadeiras para que todos participassem, porém alguns alunos se negaram a brincar, se fosse determinada brincadeira. Então resolvemos essa questão de uma forma democrática. Ficou decidido que em toda terça-feira seriam brincadeiras, sendo essas propostas pelos alunos de acordo com suas preferências. Enquanto isso, na quinta-feira, seria de livre escolha individual a atividade no período de educação física. Para as terças, então, foi feita uma programação, na qual, a cada semana, seriam três alunos a propor as brincadeiras preferidas. No entanto, havia a combinação de algumas regras, entre estas, que todos precisavam participar da brincadeira proposta pelo colega, mesmo que não curtisse aquela brincadeira, pois chegaria a sua vez e esta regra valeria também. Essas regras foram construídas nos momentos nos quais sentava com os alunos e mediava uma conversa a fim de encontrarmos, juntos, uma solução adequada para resolver os conflitos.

Durante o estágio curricular, meus planejamentos eram alterados conforme as necessidades que eu julgava serem necessárias. Em uma semana anterior ao dia das mães, houve a solicitação da professora titular para que preparasse, com a turma, uma apresentação para o dia das mães. Entregou-me, então, uma música a qual os alunos já conheciam, do ano anterior, para esse mesmo evento. Com essa solicitação alterei o planejamento do dia e levei a proposta para a turma.

Como o diálogo foi algo que sempre propus aos alunos, desde o início de minha docência, procurei mostrar a eles que poderiam expor suas opiniões sem medo, desde que respeitássemos aos demais da sala de aula. Neste dia, a turma, expos a opinião sobre a proposta de apresentação para o dia das mães, considerando-a uma “pagação de mico”<sup>6</sup>. A partir dessa situação propus que eles encontrassem uma solução.

Depois de muita conversa, através das falas da turma e algumas intervenções minhas com perguntas, como, por exemplo, “O que os incomodava na apresentação?” “O que as mães achariam de não serem homenageadas nesse dia?” “O que seria legal fazer para homenagear as mães?”, chegamos a solução do

---

<sup>6</sup> Termo usado pelos alunos, este é o mesmo que passar vergonha em frente ao público.

problema. A apresentação seria de uma música do gênero rap e os alunos iriam construí-la. Para essa semana, mudei o planejamento, a fim de contemplar essa decisão coletiva. Com a decisão tomada, iniciou-se o processo de construção da música. Inicialmente, foram construções de frases individuais e, após, coletivamente, foi decidido aonde se encaixaria e se determinadas frases poderiam ser usadas. Após a letra escrita, foram necessários ensaios do ritmo.

Os ensaios foram planejados para os três dias anteriores às apresentações. Nesses dias, os alunos dividiram-se em grupos, um para dança, outro para cantar, outro para batidas<sup>7</sup>. Minha orientação foi necessária durante os ensaios, em alguns momentos para amenizar os planos que não poderiam dar andamento, ou por falta de espaço ou por virem a ser arriscado. Um exemplo, foram as piruetas que os dançarinos queriam inserir em suas coreografias. Mas o produto final dessa atividade foi espetacular, prazeroso de presenciar e mediar quando necessário. Os alunos envolveram-se de uma forma que me deixaram muito orgulhosa.

Outra atividade na qual houve esse mesmo envolvimento, foi a Mostra de trabalhos que aconteceu na última semana de minha docência. Para isso eu levei a proposta, com intuito de valorizar as produções realizadas pelos alunos durante o período. Porém eu não havia pensado que haveria tantas ideias, até fantoches o grupo que apresentava o canto da biblioteca<sup>8</sup> fez. Foi uma proposta pedagógica que, quando planejei não esperava ser tão envolvente. Os alunos tomaram as decisões e empenharam-se para que essa acontecesse.

Para essa Mostra de Trabalhos foram convidadas as turmas da escola para prestigiar o evento organizado pela nossa turma e envolver os demais alunos com a ideia da mesma. Esta atividade foi muito elogiada pelas professoras das turmas convidadas.

Essas e muitas outras atividades fizeram parte do meu planejamento docente durante o estágio curricular, sendo que destaco as que se tornaram mais relevantes ao reler o meu diário de classe, ao meu objeto de pesquisa.

---

<sup>7</sup> Batidas: é um som para ritmar a música.

<sup>8</sup> Canto da biblioteca foi uma atividade proposta para incentivar a leitura, é um espaço na sala de aula onde ficam os livros doados pela comunidade escolar.

### 3 ANÁLISES

Para a construção deste capítulo selecionei alguns materiais importantes, construídos durante a realização de meu estágio, dentre os quais estão excertos reflexivos de meu Diário de Classe, extraídos da observação da turma e da prática docente efetuada; a palestra promovida para compreensão do movimento social Hip Hop; a construção da música “Amor de Mãe” de autoria da turma 4 A; duas produções textuais, uma inicial e outra efetuada ao término do estágio, realizada por uma aluna e memórias de falas dos sujeitos participantes desse período.

Assim, este capítulo foi dividido em quatro categorias resultantes das análises e reflexões. Na primeira delas “Aprendendo com o Planejamento” trago algumas reflexões sobre os aspectos fundamentais da função docente e as aprendizagens construídas por mim durante esta prática. Na segunda categoria “Construindo relações na sala de aula”, abordo a tessitura das relações entre os sujeitos do processo educativo e suas implicações na aprendizagem. Intitulada “Atendendo a Programação da Escola: dando sentido aos conteúdos”, a terceira categoria analítica traz uma reflexão sobre os sentidos atribuídos aos conteúdos programáticos, quando esses são trabalhados de forma a contemplar o interesse dos alunos. Finalizando este capítulo, a categoria “Dissolvendo a Imagem Problema da turma” ressalta as transformações na imagem negativa que a turma tinha aos olhos dos demais professores, resultantes da aprendizagem coletiva e, de certa forma, à aprendizagem de olhar diferente aos alunos, que esses professores construíram.

#### 3.1 APRENDENDO COM O PLANEJAMENTO

A construção do meu planejamento docente iniciou, já na semana de observação, a partir do momento que me preocupei em ter um olhar observador para os alunos. Durante o estudo para o referencial teórico, identifiquei esse ato como uma aprendizagem do fazer pedagógico, pois conforme citado por Collares (2003) a partir do que vi e ouvi pensei em como desenvolver estratégias com as quais iria trabalhar com aquela turma.

Um dos princípios que acredito e usei para desenvolver o planejamento no estágio, é o de um olhar sobre o aluno e o que ele nos traz do seu contexto social. Hickmann (2002) fala sobre a importância da bagagem que o aluno nos traz da sua trajetória também fora do ambiente escolar.

Essa reflexão já fez parte de outras atividades acadêmicas, porém no período do estágio tornou-se algo que coloquei em prática de diferentes formas. Procurei conhecer um pouco mais sobre os discentes, que viriam a ser meus alunos, através da entrevista inicial, após observando o contexto da sala, pesquisando sobre o gênero musical de gosto da turma e lendo informações sobre os bairros que residiam os alunos. Partindo dessas informações pensei nos objetivos que queria alcançar e nas estratégias pedagógicas que iria desenvolver para alcançá-los.

Entre as estratégias usadas, relembro, como já mencionado no capítulo anterior, que havia um momento em que os alunos demonstravam interesse em participar, a roda de música. A partir dessa observação, compreendi que a música era alvo do interesse e poderia usá-la para envolvê-los no processo de ensino-aprendizagem, contemplando, dessa forma, um dos meus objetivos, o envolvimento dos alunos.

Com esse intuito, busquei conhecer sobre o gênero musical pelo qual os alunos mostravam interesse. O processo de investigação sobre o tema me possibilitou inúmeras descobertas, dentre elas que este estilo musical pertence a um amplo movimento social (Hip Hop) muito disseminado na comunidade da qual os alunos são oriundos.

Durante o estudo para o referencial teórico deste trabalho, constatei que no período do estágio estava disposta a aprender com meus alunos, uma vez que poderia ter ignorado as práticas culturais desse grupo, como cultura que não é valorizada na escola. Contudo, procurei aprender sobre sua cultura a qual não conhecia, passando a valorizá-la no cotidiano escolar para, através dela, construir novas aprendizagens junto com os alunos. Nesse processo, o ato de planejar tornou-se uma constante formação para mim.

Para ilustrar esta aprendizagem, sirvo-me das palavras de Arroyo (2001, p. 50):

[...] para Paulo Freire o educador também está em permanente processo de ser, de se formar. Quanto mais abertos estejamos a cultura, ao conhecimento, aos aprendizados das vivências que experimentamos, quanto mais aprendemos as artes de viver, maior riqueza humana, melhores conteúdos estaremos levando para a relação pedagógica.

Nosso aluno vem de casa portando uma bagagem de conhecimentos construídos na família, na sua comunidade e, como educadores, não podemos ignorar esses conhecimentos. Devemos procurar conhecer as origens desses conhecimentos, pois isso poderá auxiliá-los a enriquecer a construção de novos conhecimentos no âmbito escolar.

Na proposta pedagógica referente à palestra, conforme relatado anteriormente, precisei de ajuda de um professor, imerso naquele mundo, no momento em que tinha como objetivo que os alunos ampliassem seus conhecimentos sobre o movimento social do qual eles gostavam da música, e, ao mesmo tempo, por não acreditar que uma aula expositiva, com transmissão de informações, seria algo significativo.

Preciso lembrar que não foi uma tarefa fácil, por não fazer parte do meu convívio. Não conhecia ninguém que pudesse me auxiliar nessa questão. No entanto, como aluna em formação de um curso no qual criamos muitos laços de amizade, dividi minha árdua tarefa com as colegas deste e recebi indicações de contatos que poderiam me ajudar.

Com a colaboração de um professor de dança que faz parte do movimento<sup>9</sup>, planejei a palestra. Ao expor para a turma a proposta, percebi que seria muito mais uma entrevista, pois havia muitas perguntas a serem respondidas. Deste evento, destaco a construção de muitas aprendizagens, entre estas, como receber um convidado e como agir em um evento como este. No meu diário de campo, consta a anotação de que “durante as combinações para a palestra os alunos estavam muito empolgados, todos interessados e preocupados em receber bem o nosso convidado” (ARANDA, 2015, p 34).

Refletindo sobre esse período, a partir dessa anotação e algumas lembranças com relação ao dia, entendo que, conforme citado nos conceitos de planejamento do referencial teórico, através de meu planejamento propus aos alunos algo que os

---

<sup>9</sup> O professor trabalha com aulas de dança, e faz parte do movimento social desde a sua adolescência.

mobilizava. Resolver problemas que partiram do contexto da sala, tornou-se interessante aos alunos, primeiramente, porque aquela conversa não iniciava como uma lição de moral, e, sim, como um problema a ser resolvido, o que seria conquistado, apenas numa relação de cooperação.

### 3.2 CONSTRUINDO RELAÇÕES NA SALA DE AULA

Nesta categoria de análise reflexiva, evoco memórias as quais tenho muito orgulho de lembrar. São conquistas realizadas através da melhora nas relações entre os alunos. Conforme relato no capítulo metodológico, as relações da turma eram regadas de muitos conflitos, o que atrasava o desenvolvimento das atividades propostas.

Para esta categoria trago uma parte das reflexões do meu Diário de Classe, a partir da qual infiro, que todos os momentos em que percebia mudanças no comportamento da turma, com relação ao respeito ao outro, participação ou prazer em estar envolvido nas atividades, eu as considerava como aprendizagens da turma e que estas faziam parte de uma trajetória na qual se vinha construindo desde o início.

Destaco, neste momento, um comentário que fiz referente a estas aprendizagens:

...estou feliz, pareceu-me que a turma está conseguindo compreender que o respeito ao colega é importante (...). Hoje, na Educação Física, todos participaram da brincadeira que um dos colegas propôs. Até os meninos que citei na outra reflexão que só queriam jogar bola. As combinações de que cada semana 3 alunos irão propor as brincadeiras nas terças-feiras, está sendo bem aceita. E a cooperação entre colegas aumentou e percebo essa mudança no dia a dia da aula. Até nos momentos que algum deles demonstra dificuldade em alguma tarefa, os colegas estão ajudando-se (ARANDA, 2014, p. 56).

Ao realizarmos combinações que partiam de problemas a serem resolvidos, para melhorias na organização das aulas de educação física, a turma criou “[...] regras de convivência, o que permite criar um ambiente fecundo de aprendizagem[...].” (BECKER, 2008, p.28).

Conforme a teoria construtivista, o aluno é quem constrói o seu conhecimento, porém “esses conhecimentos são construídos dentro de um meio social, interagindo com os adultos e com outras crianças” (DELVAL,1994, p.158). Nessa perspectiva as relações em sala de aula melhorando, iremos dispor de um ambiente mais favorável à construção de conhecimentos.

Tendo presente às aprendizagens destacadas na categoria anterior e na interdependência entre as categorias eleitas neste estudo, destaco o quanto o debate sobre a maneira como os alunos agiam, falando todos ao mesmo tempo, sem ninguém escutar o que o outro falava, resultou na aprendizagem de que não iriam conseguir tirar as dúvidas, no caso da entrevista com o professor de dança, e que para se planejar e realizar algo, há necessidade de acolher o outro no que ele diz e faz.

### 3.3 ATENDENDO A PROGRAMAÇÃO DA ESCOLA: DANDO SENTIDO AOS CONTEÚDOS

Durante todo período do estágio questioneimei-me sobre como planejar aulas que fossem interessantes para os alunos e que fizessem algum sentido por estarem sendo ministradas. Para compor esta categoria de análise, selecionei algumas atividades propostas por mim e uma construção coletiva da turma, as quais atendiam os itens da lista de conteúdos da escola e que, para os alunos, acarretou aprendizagens significativas.

A primeira, relativa ao estudo da sílaba tônica, consistia na identificação de rimas em um Rap<sup>10</sup> e, a partir da escuta desta música, desenvolvemos conteúdos de como se dava a rima, a sílaba tônica e a relação entre ambas. A música “Brincar é bom” foi proposta em uma aula e durante a realização das atividades, percebi a satisfação dos alunos em trabalhar com algo que fazia parte do cotidiano deles e que gostavam de ouvir, isso ficou claro pelo tempo de envolvimento deles na tarefa, além de muitos pedidos para ouvir a música nos dias subsequentes.

---

<sup>10</sup> Nome deste rap: Brincar é Bom, Autor: Mestre Pê, é um professor formado em pedagogia e mestre de cerimônia no hip hop. Para mais informações acessar : <http://www.plataformadoletramento.org.br/em-revista-entrevista-detalle/523/mestre-pe-o-hip-hop-na-educacao-de-criancas-e-jovens.html>

Foi uma aprendizagem tão significativa para turma que constatei nas avaliações aplicadas pela professora titular que nenhum dos alunos errou os exercícios referentes a este conteúdo. Em função disso, destaco a importância de dar sentido aos conteúdos a serem aprendidos pelos alunos.

Juan Delval (2006, p.83) afirma que:

O conhecimento obtido pelo aluno deve ser utilizado para fazê-lo entender a sua realidade e, dessa forma, tomar consciência do valor de cada informação que adquire. Trata-se de fazer com que o aluno veja o que aprende como algo essencialmente valioso, que tem aplicações em seu próprio ambiente.

Conseguir vincular conteúdo programático da escola a algo que os alunos vivenciam e demonstram interesse é um princípio docente oriundo da compreensão que tenho sobre educação que está fundamentada nos preceitos construtivistas. A materialização desse entendimento está presente nas demais atividades pensadas para os alunos, contudo, para fins analíticos nesta pesquisa, selecionei apenas aquelas que considerei mais relevantes.

Outra atividade que considero importante, foi referente às produções textuais que promoveram a melhora significativa dos alunos nas suas escritas, conteúdo exigido pela escola, que abarca construção frasal, parágrafos, sinais de pontuação, entre outros. Para essa aprendizagem foi necessário desenvolver muitas atividades contextualizadas com algo que aguçava o interesse deles na escrita, pois, conforme citado anteriormente, inicialmente, a escrita para a turma era algo muito penoso.

Dando prosseguimento às análises, trago, como exemplo, os textos de uma aluna, a qual, inicialmente, apresentava dificuldades na estruturação textual e demonstrou avanços em sua escrita. Contudo, conforme referencial teórico deste trabalho, com relação à aprendizagem, a produção aqui apresentada não é representativa das aprendizagens da turma como um todo, visto que cada aluno constrói a sua aprendizagem, o que determina diferentes avanços. O desenvolvimento desta aluna, na produção textual, é, aqui, destacado como exemplo da aprendizagem referida. Observe-se que entre a primeira produção (figura 1) e a segunda (figura 2) há avanços na estrutura textual. Anteriormente, a aluna tinha a noção de parágrafo como sendo cada frase escrita, utilizando os sinais de pontuação no início e no fim de cada uma. Na segunda escrita nota-se o uso de



de se ter estabelecido um vínculo de confiança e cumplicidade da turma, entre todos os sujeitos pertencentes a ela. A letra da música, em si, irá mostrar, aos leitores, a construção anterior de outras aprendizagens para que se chegasse a esse momento.

Amor de Mãe  
 Nossa sala tem educação  
 Nossa musica vem do coração  
 Mãe essa é para você  
 Que veio aqui só para nos vê  
 A gente rima pra você  
 E o seu amor vai florescer  
 Por mim, por nós  
 E todo mundo vai escutar a sua voz  
 Mãe com você ao meu lado  
 Eu vou ficar ligado  
 Porque eu sou muito amado  
 (ARANDA, 2014, p. 80)

A construção dessa letra, é resultado, por sua vez, do trabalho anterior sobre a construção de rimas, e o trabalho sobre os gêneros textuais, realizado por ocasião da elaboração do relato da palestra.

### 3.4 DISSOLVENDO A IMAGEM “PROBLEMA” DA TURMA

Esse termo “imagem da turma”, uso com base no que Dayrell (1996) nos fala sobre como uma turma pode ser bagunceira para uns professores e não ser para outros, e que esta maneira de classificar pode influenciar a autoimagem da turma, fazendo com que eles assumam esse estereótipo, de acordo com a relação que mantêm com cada professor.

Conforme relato no subcapítulo de contextualização do meu planejamento docente durante o estágio, houve um momento em que escutei que a turma era um problema. Parece-me que a visão das professoras da escola para aqueles alunos era um estereótipo, desfeito, inclusive, por esses professores, no final do semestre.

Sendo esse o motivo que influenciava na maneira com que a turma agia, não havia, antes deste estudo, ligado esse fato a um outro que ocorreu, o qual passo a relatar, referente à fala de um aluno, e que se efetivou numa das aulas ministradas por mim, durante uma conversa na qual construíamos combinações. Estas eram

com relação às saídas para o pátio nos horários de educação física, pois havia muita correria e gritaria nesses momentos. Fizemos, então, um debate para melhorarmos essa postura, e surge a fala de um aluno que me deixou bastante intrigada, por sua profundidade e também por que pareceu-me haver concordância dos demais alunos com relação a esta colocação.

- Professora porque vamos respeitar as outras turmas, se ninguém gosta da gente mesmo! Desde o ano passado já era assim, somos a pior turma da escola (ARANDA, 2014, p. 16).

Naquele momento, o fato me incomodou e, a partir disso, busquei com os alunos reconstruir a imagem da turma. Hoje, consigo compreender nas leituras para este, quando cito Dayrell (1996), que os alunos respondiam a uma expectativa negativa dos demais professores sobre eles, sentindo-se os piores alunos.

Para promover a construção de uma nova imagem da turma, foi necessário restituir a autoestima dos alunos e construir a confiança que haviam perdido para que se sentissem tão capazes, quanto qualquer outro aluno da escola. Acredito que um trabalho docente pautado nos preceitos construtivistas favorece o alcance deste objetivo, uma vez que estes pressupostos nos fazem permitir conceber o aluno como construtor do seu conhecimento, promovendo a participação e o envolvimento dos educandos nas propostas elaboradas.

Assim, cabe, aqui, salientar alguns fatos que considero fundamentais na transformação desta imagem negativa perante o grupo escolar. O primeiro deles foi a mudança no comportamento de saída para os períodos de educação física. Também posso destacar o dia da apresentação para as mães, para o qual os alunos construíram e apresentaram a música, exposta na categoria anterior, sendo muito elogiados por todos da escola, pela bela apresentação, pela linda composição e também pela organização.

Outro momento marcante, ocorreu na última semana do estágio, quando planejei com os alunos uma Mostra de trabalhos com objetivo de valorizar as construções da turma. Para isso, foi necessário, primeiramente, designar funções, fazer combinações, definir como seria a Mostra, quem iríamos convidar para visitar, enfim, foram decisões coletivas tomadas, democraticamente, envolvendo todos nesse processo. O produto final desta atividade foi muito além do que eu havia

planejado e imaginado, a turma toda se envolveu e foram lindas as apresentações, nas quais ficaram visíveis muitas aprendizagens construídas ao longo do estágio.

O evento organizado contou com a participação das turmas de primeiro, segundo e terceiro ano da escola, conforme havia sido decidido em reunião da turma. Foram enviados convites a cada uma das turmas, endereçados às professoras dessas, com pedido de respostas, ao qual recebemos a confirmação de todas.

No dia anterior à Mostra, a turma organizou, autonomamente, os grupos que iriam apresentar os trabalhos que já estavam expostos na sala. Foram escolhidos para apresentação, quatro trabalhos: a construção do espaço biblioteca na sala de aula<sup>11</sup>; cartaz contendo o relato da palestra sobre o movimento social hip hop; a música criada para as mães e, por último, um gráfico que foi construído utilizando a quantidade de animais que os alunos da turma tinham nas suas casas.

O evento mencionado exemplifica o desenvolvimento da turma e as aprendizagens mobilizadas e mobilizadoras para a realização do mesmo. Todos esses aspectos contribuíram para o rompimento da imagem “problema” da turma. Observei, a partir de então, que os discursos das professoras com relação à turma começaram a mudar. Esse entendimento fica claro nos elogios e incentivos que a turma passou a receber da comunidade escolar. Concluindo, podemos acreditar que, nesse processo, também a escola aprendeu a construir outro conceito em relação a esses alunos.

---

<sup>11</sup> O espaço biblioteca é um ambiente da sala de aula que construímos, a partir de doações, para incentivar a leitura.

## CONCLUSÕES

A partir das reflexões teóricas, conseguimos perceber a construção de aprendizagens, tanto discente quanto docente durante a prática pedagógica e após muitas outras que foram construídas para realização deste trabalho.

Para conclusão, retomo as aprendizagens relacionadas nas análises. Em relação aos alunos podemos verificar que, mesmo que cada um construa seu conhecimento, essa construção individual e outras conquistas da turma se deram a partir de aprendizagens coletivas. Tendo como referência a categoria “Construindo relações na sala de aula”, podemos inferir que uma turma, ao melhorar as relações entre os colegas, torna o ambiente mais harmônico e favorável para a convivência diária e a construção de conhecimentos.

Nos momentos os quais cito nas análises, quando surgiam problemas a serem resolvidos, como no exemplo da educação física, quando alguns não queriam participar das brincadeiras, também aprendi a reformular a proposta de modo que os alunos achassem a solução coletivamente.

De acordo com (Piaget 1935, p.142):

[...] foi pelo atrito incessante com outrem, pela oposição das vontades e das opiniões, pela troca e pela discussão, pelos conflitos e pela compreensão mútua que todos nós aprendemos a nos conhecer. A formação da personalidade, no duplo sentido de uma tomada de consciência do eu e de um esforço para situar esse eu no conjunto das outras perspectivas, é, portanto, o primeiro efeito da cooperação.

Com os debates, a turma conseguiu resolver alguns conflitos existentes na educação física e, também, em sala de aula. De acordo com a teoria construtivista, a interação com o meio irá ajudar a proporcionar o desenvolvimento do aluno. Segundo Piaget, o sujeito, a partir da compreensão a respeito do ponto de vista dos outros estará desenvolvendo a cooperação. Havendo a cooperação, a convivência na sala de aula torna-se mais fácil e o envolvimento dos alunos nas atividades também será afetado.

A partir do envolvimento dos alunos nas atividades propostas no planejamento, foi possível a construção de conhecimentos discentes. O avanço nas produções escritas dos alunos deu-se ao longo do período, pelo motivo de haver

sentido no que estavam escrevendo, contrapondo com as produções cujo motivo é a obrigação de escrever, promovendo reclamações e repúdio à escrita. Assim foi com outros conteúdos escolares, quando os alunos conseguiam entender seu motivo e, percebendo o uso que fariam daquele conteúdo, demonstraram conseguir aprender.

Durante o estágio eu não estava baseando-me em teoria alguma, porém, hoje, identifico vários princípios docentes a qual baseio o planejamento com a teoria construtivista. Um deles está em querer que cada um dos meus alunos, fosse protagonista das suas aprendizagens. Inicialmente, minhas preocupações eram com relação à falta de interesse. Almejava a participação deles nas atividades. Ao revisitar meu Diário de classe, percebo que este objetivo foi algo que levou a pesquisar e propor atividades diferentes que envolveram os alunos por serem relacionadas a algo que fazia parte do cotidiano deles.

Em relação às incontáveis aprendizagens docentes, por ser a minha primeira experiência, com o cotidiano da sala de aula, considero que, todo tempo, estava construindo novas aprendizagens. A partir da pesquisa bibliográfica para a realização deste trabalho, compreendi que ao usar cultura na qual os alunos estavam inseridos, utilizei-a como uma aliada no processo de ensino aprendizagem, a partir da mobilização por algo que os afetava de alguma forma.

Durante a prática pedagógica sempre me portei de forma a ajudar a sanar as dúvidas dos alunos e mediar sempre que fosse preciso, para tomada de decisões. Durante os estudos para este trabalho, me identifico como mediador do processo de ensino aprendizagem. E, para finalizar as aprendizagens docentes, entendo que estamos sempre aprendendo e que para ser um professor precisamos estar em formação permanente.

Esta análise sobre a minha prática pedagógica permitiu-me compreender um pouco melhor como se deu as aprendizagens durante o período a qual fui docente, porém acredito que apenas iniciei um caminho muito longo que tenho a percorrer para minha formação docente. A maneira de o professor entender como o aluno aprende é a maneira que irá desencadear seu planejamento docente. Se o professor acreditar que o conhecimento é transmitido e não construído, seus planejamentos não terão os mesmos princípios do que o outro que acredita no aluno como protagonista na construção do seu conhecimento. No entanto, a partir da perspectiva

construtivista, referencial teórico de meus estudos, planejar será sempre objeto de estudo e aprendizagem aos sujeitos nele e por ele envolvidos.

Para conclusão, acredito ser importante mencionar o quão prazerosa foi esta pesquisa. Durante as leituras, conseguia enxergar na teoria construtivista a minha prática do estágio, vinculando-a ao que acredito. Tendo presente a relação teoria e prática, cito as palavras de Collares (2003, p.104), para expressar meu pensamento sobre o que vivi enquanto tecia este trabalho;

(...) não posso negar o prazer que sinto em, enquanto construo a escrita, refletir sobre as aproximações construídas entre as ideias dos autores que cito e os caminhos traçados com os alunos; a alegria das situações vivenciadas e a coragem que se fortalecia em todos à medida que o comprometimento se constituía.

Ao finalizar, também acredito ser importante explicar o motivo da escolha do título a qual foram selecionadas duas frases iniciais da música de autoria da turma 4.A: “Nossa sala tem educação”, “nossa música vem do coração”. Para representar o período sobre o qual reflito minha prática, entendo as mesmas como uma maneira dos alunos expressarem para comunidade escolar as mudanças ocorridas na turma.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Etnografia da Prática Escolar*. Campinas, São Paulo. 18 ed. Papirus, 2012.

ARANDA, Andressa Brittes. **Diário de classe**. Porto Alegre, 2014. Trabalho realizado durante o estágio obrigatório do estágio obrigatório da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do sul.

ARROYO, Miguel. Caldart, Roseli Salete; Molina, Mônica Castgna (org). **Currículo e a pedagogia de Paulo Freire**. En:*Semana Pedagógica Paulo Freire. Caderno Pedagógico 2*. Porto Alegre: Secretaria da Educação. 2001. P.42-54.

BECKER, Fernando. **Educação e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

COLLARES, Darli. **Epistemologia genética e pesquisa docente**: estudo das ações no contexto escolar. Lisboa, Instituto Piaget, 2003.

DAYRELL, Juarez T. A escola como espaço sócio-cultural. In: Dayrell, Juarez. (org ). **Múltiplos olhares sobre educação e Cultura**. Belo Horizonte: UFMG 1996, p. 136-161.

DELVAL, Juan. Aprender investigando (tradução de Fernando Becker e Tania B. I. Marques). In BECKER, Fernando; MARQUES, Tania Beatriz Iwaszko. **Ser professor é ser pesquisador**. Porto Alegre: Mediação, 2010. (2º edição)

DELVAL, Juan. **Crescer e pensar: a construção do conhecimento na escola**. (Tradução Beatriz Affonso Neves). Porto Alegre: Artmed, 1998.

DELVAL, Juan. **Manifesto por uma escola cidadã**. Tradução Jonas Pereira dos Santos. Campinas, SP: Papirus, 2006.

DELVAL, Juan. **Aprender a aprender** (tradução Jonas Pereira dos Santos). Campinas: Papirus, 1998.

GODOY, Arilda Schimidt. Introdução à Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais. **RAE - Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 20-29, 1995.

HICKMANN, Roseli Inês. Ciências sociais no contexto escolar: para além do espaço e do tempo. IN:\_\_\_\_\_ (Org.) **Estudos sociais: outros saberes e outros sabores**. Porto Alegre: Mediação, 2002, p. 10-19.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. **A Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. Temas Básicos de Educação e Ensino. São Paulo. EPU, 1986.

MACEDO, Lino de. **Ensaio pedagógico: como construir uma escola para todos?** Porto Alegre: artmed,2005.

MEIRIEU, Philippe. **O cotidiano da escola e da sala de aula: o fazer e o compreender.** (Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed,2005.

PÊ, MESTRE. **Brincar é bom.** Música, 2014.

PIAGET, Jean. **Sobre a pedagogia: textos inéditos.** (Trad. Claudia Berliner). São Paulo, casa do psicólogo ,1998.

REY, Fernando L. González. **O sujeito que aprende.** In: TACA. Maria Carmem Vilela Rosa. (org ). Aprendizagem e espaço pedagógico.Campinas –SP, Alínea Ed.,2014, p. 29-44.

SANTOS, Josivaldo Constantino dos. **Processos participativos na construção do conhecimento em sala de aula.** Cáceres, MT: UNEMAT,2004.

XAVIER, Nina Rosa Ventimiglia. **Planejamento e Transformação: Um Estudo sobre o Pensar Docente.** Porto Alegre: UFRGS, 2011. 74 f. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

## ANEXOS

### Música: Brincar é bom

É hora de brincar, é hora de cantar,  
 É hora de rimar. Deixa a batida tocar.  
 É hora de brincar, é hora de cantar,  
 É hora de rimar a palavra, “vamo lá”  
 Brincar é bom e a gente fica contente  
 Brincar com a palavra fica mais inteligente.  
 Hei, mano! Hei, mina!  
 Vem brincando, vem cantando, vem na rima.  
 Mas não pode deixar a língua travar,  
 Escute a palavra, “vamo” começar.  
 Curupira Pirapora carambola catapora  
 Bola mora sola chora quem namora beija agora  
 Quem não cola sai da cola não dá cola na escola  
 O grude cola a pipa, a pipa cola na sacola  
 Gira, gira roda, roda, rapidinho, rapidão  
 Pega, pega a cordinha, enrola no pião  
 Bate com força no chão, pega repica gira na mão  
 Curumim gergelim plim, papa-capim  
 Pó de cupim, pó de doce de amendoim  
 É hora de brincar, é hora de cantar...  
 Mocotó caiapó, tropiquei no Itororó  
 Troca o troca traga o pano, pano limpo tira pó  
 O pato carrapato empacado apitou  
 Pega, pega, pega o pato, pato pacato gritou  
 Puxa dente mole, mole, puxa, puxa devagar  
 Malha, molho, milho molha, molha o milho, molha a malha  
 Mala mula mola, bala bolo belo  
 Moleque chutou a bola na janela.  
 Tapioca na pipoca terra torra a mandioca  
 Laringe lorota laranja, frota fruta franja  
 Dois mais um, três, mais três, seis.  
 Matemática enigmática tá na prática, tá na tática  
 Marinheiro manauara ancorou no Maranhão  
 Menina boneca bonita tem amor no coração.  
 Celular celulose celulite celofane  
 Toca atende, atende toca, tecla, toca telefone  
 Inclusão multiplica, o professor explica.  
 Todo mundo aplica e a galera não complica  
 Criança levada, bem-educada, não pode levar palmada.  
 (MESTRE PÊ, 2014)